

Vol XV, Núm 2, jul-dez, 2022, pág. 175-187.

MODO DE GESTÃO TERRITORIAL TRADICIONAL DOS KAGWAHIWA PYRI TENHARIN (AMAZONAS, BRASIL)

Angelisson Pyri Tenharin
Jordeanes do N. Araújo
Edmundo A. Peggion

Resumo

Este trabalho tem como objetivo evidenciar as formas de uso dos recursos naturais através da perspectiva do Povo Indígena Tenharin Pyri Kagwahiva. Nesse sentido, buscamos revelar como em diferentes contextos e situações sociais o Povo Tenharin produz conhecimento prático e sustentável através do manejo das rocas, do manejo dos lagos, dos lugares de pesca e dos lugares de caça. Sendo assim, a sustentabilidade para além de um conceito teórico, é visto e observado pelo Povo como uma perspectiva prática que norteia as diferentes formas de fazer, criar e saber viver em equilíbrio com a natureza.

Palavras-chave: Povo Tenharin Kagwahiva, recursos naturais, sustentabilidade indígena

MODE DE GESTION TERRITORIALE TRADITIONNELLE DE KAGWAHIWA PYRI TENHARIN

Résumé

Ce travail vise à mettre en évidence les façons dont les ressources naturelles sont utilisées du point de vue du peuple autochtone Tenharin Pyri Kagwahiva. En ce sens, nous cherchons à révéler comment, dans différents contextes et situations sociales, le Peuple Tenharin produit des connaissances pratiques et durables à travers la gestion des roches, la gestion des lacs, des lieux de pêche et des lieux de chasse. Ainsi, la durabilité, au-delà d'un concept théorique, est vue et observée par les Peuples comme une perspective pratique qui guide les différentes manières de faire, de créer et de savoir vivre en équilibre avec la nature.

Mots-clés: peuple Tenharin Kagwahiva, ressources naturelles, durabilité indigène

1. Considerações Iniciais

Sabemos que os povos indígenas são os pioneiros em praticarem a gestão territorial. Na conservação dos recursos naturais, eles já tinham em mente que a maioria é renovável e sabiam, também, que alguns não são renováveis. Justamente por isso, eles sempre usaram tais recursos de maneira consciente e controlada para que não chegasse ao ponto de acabar e atingir diretamente as presentes e futuras gerações.

No entanto há vários modelos de gestão territorial praticados pelos povos indígenas que estão de acordo com cada tipo de recurso natural, dos quais eles precisam para viver e garantir que não acabe. Desse modo eles usam no tempo presente de maneira pensada, para que, no futuro, os seus filhos possam também usufruir desses recursos naturais.

Conforme vimos acima, cada povo indígena tem seu modelo de fazer a gestão de seus territórios. Os povos indígenas denominados Kagwahiwa (Tenharin (do rio Marmelos, do Igarapé Preto e do rio Sepoti/Estirão Grande, Parintintin, Jiahui e Juma, no Amazonas e Karipuna, Jupaú e Amondawa em Rondônia), especificamente tem o mesmo modelo de gestão dos seus territórios. Os Kagwahiwa tem uma ligação muito forte com os outros povos indígenas da região sul do Amazonas e norte de Rondônia, em particular, uma boa relação entre os povos falantes da mesma língua tupi-Kagwahiwa, partilhando língua, cultura, casamentos e alianças políticas. Todos os povos mencionados, tem suas terras demarcadas e homologadas no sul do Amazonas.

Embora pratiquem o modelo de gestão territorial controlado com os recursos naturais renováveis, por precaução e cautela eles também exercem cuidadosamente a gestão dos recursos naturais que não são renováveis, por meio de controle, uso consciente e responsável. Para cada tipo de atividades ou práticas, eles evitam ao máximo o uso desenfreado dos recursos naturais para que eles não se acabem nunca. Em razão disso, eles sempre deixam reservas para prevenir a futura escassez de recursos naturais e de espécies essenciais para o sustento do coletivo. Esses povos sabem que tudo o que eles precisam para manter o seu modo de vida e bem estar está dentro dos

seus territórios, a floresta e os rios são como o supermercado, a farmácia e é a casa dos Kagwahiva. É justamente esse território que garante a sustentabilidade dos povos que nele habitam.

Usamos como procedimento metodológico, a abordagem qualitativa e ao mesmo tempo a etnografia como uma ferramenta de campo e também de análise das situações sociais registradas através da observação participante com os diversos agentes sociais que foram entrevistados ao longo da pesquisa. A etnografia nos possibilitou pensar nas diferentes formas e modelos que os Kagwahiva engendraram para conceber os lugares de pesca, de caça, de roças, de coleta e ao mesmo tempo, nos permitiu perceber como eles autodemarcaram seus territórios através tanto da cosmologia como também do conhecimento prático desenvolvido por seus ancestrais.

Sendo assim, tivemos o cuidado de manter a grafia na língua Kagwahiva e ao mesmo tempo, traduzir os termos em língua portuguesa para que o leitor possa compreender a dimensão cultural e o significado prático e ritualístico de cada expressão Kagwahiva. Além disso, colocamos no corpo do texto um mapa da terra indígena elaborado durante o trabalho de campo, para identificar conflitos e ameaças externas ao território do Povo Kagwahiva Tenharin.

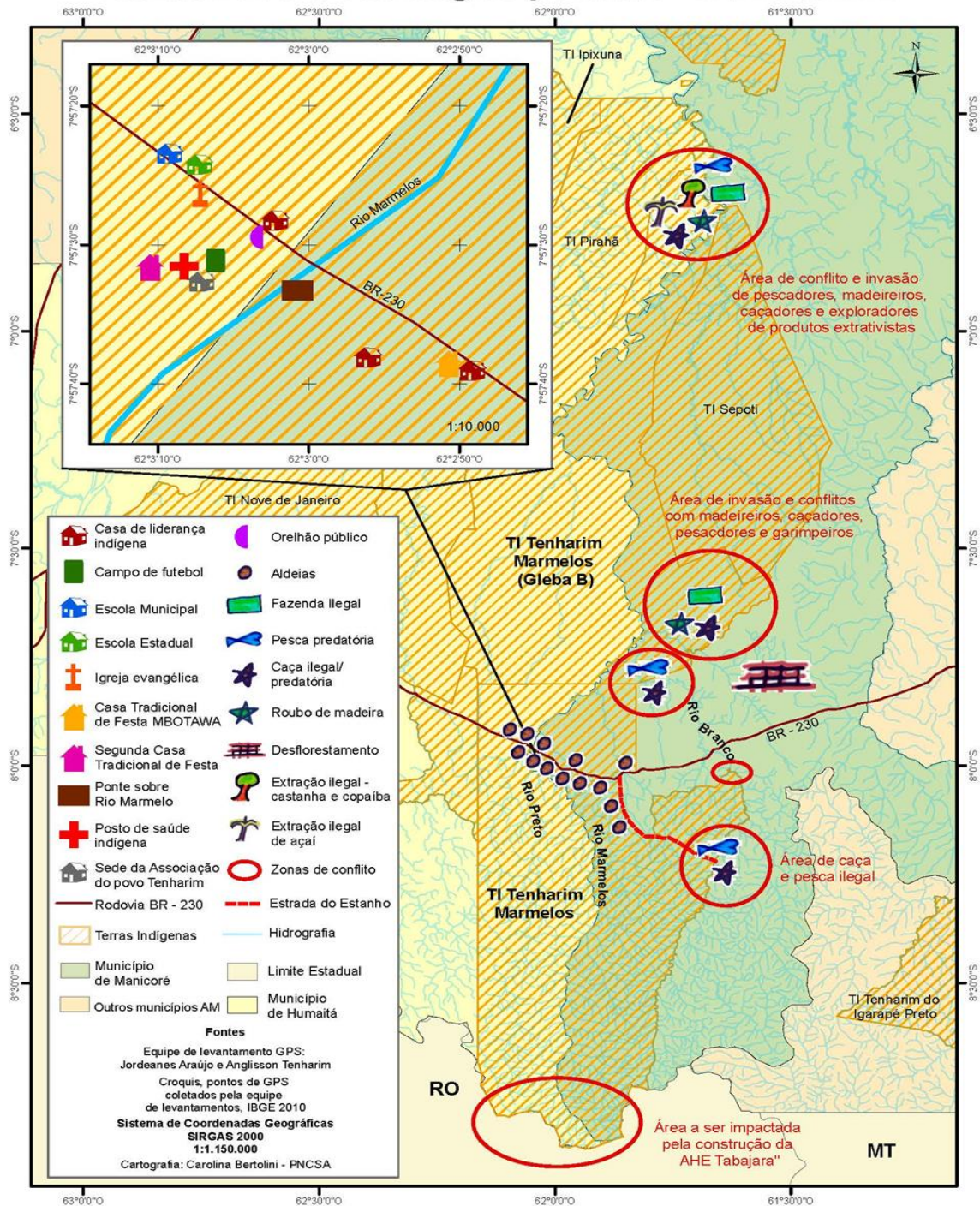
2. Are´ Yvya - Territorialidades Kagwahiva

Os povos indígenas denominados Kagwahiwa, estão localizados no sul do estado do Amazonas e norte de Rondônia. Habitam a região entre as margens esquerdas do rio Madeira e as margens direitas do rio Roosevelt sentido Norte Sul. São eles: Os Tenharin do Igarapé Preto (tynyde´hu), que habitam as margens do rio Igarapé Preto (Piawuhuay), no município de Novo Aripuanã. Os Tenharin do rio Marmelos (Paraná Ytingy´hu), que habitam todo o território ao longo do rio Marmelos (Paraná Ytingy´hu) e rio Preto (Yumu´î) da nascente até onde ela deságua no rio Madeira, no município de Humaitá e Manicoré.

O povo Indígena Jiahuí, também conhecidos na documentação histórica como “os bocas pretas”, por conta da pintura facial, que habitam a região entre o Igarapé Jaytyta´í e o rio Maici (*Pykauay*) no município de Humaitá. O povo indígena Parintintin na

região do rio Madeira, rio Nove de Janeiro e rio Ipixuna e o Povo Juma que habita a terra indígena Juma no rio Assuã, nos limites do município de Lábrea e Canutama, formam os povos Kagwahiva no Sul do Amazonas. Vejamos no mapa abaixo algumas informações da terra Indígena do Povo Tenharin:

Os Tupi-Kagwahiva: Situações de conflito, resistências e estratégias políticas - Humaitá/AM



Observamos que cada povo tem o rio onde habitam como nos tempos passados. Os povos indígenas não usavam marcos ou picadas para definir seu território e assim, os rios definiam os limites de cada povo e que servia de zona de pesca e caça. Quanto mais rios os povos tinham indicava que eram mais fortes, pois nos tempos passados os povos indígenas guerreavam com outros povos para expandir seu território e ter mais zona de pesca e caça. Como os povos Kagwahiva eram nômades, percorriam todo o território para impedir a invasão de outro povo no seu território.

Em geral, passavam no máximo três a seis meses no local, e mudavam daquele lugar quando o alimento estava ficando escasso, deixando para traz apenas a roça, pois em cada parada onde ficavam faziam roça para mostrar que aquele lugar era habitado, e quando voltam lá eles teriam roça para colher e assim, onde passavam tinham roça pra se manterem durante os dias ou meses que ele ficavam por lá.

Esse era o ciclo na vida dos Tupi Kagwahiva antes do contato com os brancos (*Tapy*). Tal ciclo vital ou bem viver, possibilitava que aquele lugar se regenerasse novamente e assim sucessivamente. Podemos dizer que havia um ciclo de vida que envolvia diversas atividades produtivas no território e o território era visto e percebido como um ciclo de vida reprodutivo tanto físico como cultural. Destacamos abaixo as principais delas.

3. Mbiara - Caça

Os Kagwahiva são povos que tem o hábito alimentar voltados à caça e por isso precisam ter o território com a sua floresta em pé e sem barragens hidrelétricas nos seus rios para que possam caçar diferentes animais tais como porcos do mato, veados, paca, anta, cutia e aves e assim manter a sua alimentação bem variada no seu dia a dia. Sendo assim, mesmo com suas zonas de caça bem extensas, eles optam por caçar controladamente só para o consumo, evitando que a caça venha acabar. Em período de

Mapa elaborado através croquis produzidos pelas lideranças indígenas Tenharin, em 2017, na aldeia Marmelo. Fonte: Jordeanes N. Araújo, 2019.

gestação dos animais eles evitam ao máximo caçar animais fêmeas. Quando não há

outra alternativa, fazem-no com profunda tristeza, pois sabem que o feto na barriga da caça fêmea iria substituir a mãe e o filho dela iria substituir ela e assim sucessivamente, por isso nessa época eles apenas matam os machos. Além disso, deixam dentro dos seus territórios zonas de reservas de caça que são usadas apenas na época de suas festas tradicionais, tais como Mboatava, Yrerua e Festa da Menina Moça.

Essas reservas servem para que, na época das suas festas culturais, tenham abundância de comida para passarem semanas sem se preocupar com a falta de alimento durante o evento e atender todo o povo e todos os convidados. Nessas reservas de caças estão os melhores barreiros de animais e só são liberados para caçar uma vez por ano, visando garantir que as presentes e futuras gerações do povo possam dali tirar também o seu sustento. Esses ensinamentos são passados para as crianças para que, quando crescerem, também possam cuidar desses lugares como os seus antepassados cuidaram: com muita responsabilidade e assim também para os que estão crescendo e para os que ainda vão nascer.

3. Timbó e Npirá Nema- sementes alucinógenas para prática de pesca

No período das secas os Kagwahiva gostam de comer peixes que dão somente nos igarapés e lagos. É um hábito alimentar cultural que só é praticado uma vez durante o ano, no período das secas dos lagos e igarapés. Como técnica, os Kagwahiva tiram um cipó conhecido como timbó (*Tíngy*), ou a casca de uma árvore (*NPIRÁ NEMA*), que possui um princípio ativo que mata os peixes tão forte que o nome da árvore na língua é “peixe podre”.

Eles escolhem o lago ou igarapé que tem bastante peixe, cercam o local com palhas para que os peixes não saiam do lugar e batem o timbó ou Npirá Nema. Como nessa prática alimentar cultural morrem muitos peixes, geralmente são convidadas cerca de cinco famílias pra bater timbó ou *Npirá Nema* e assim para darem conta do consumo dos peixes que morrerem. Essas famílias costumam dormir no local para *moquear* e “*poquecar*”¹ os peixes e no dia seguinte levarem até a aldeia e dividirem. Quando chegam, avisam todos a respeito do igarapé ou lago que bateram timbó ou *Npirá Nema* para que ninguém faça o mesmo naquele local por dois anos a partir da última

1 É uma técnica de cocção de origem indígena, cujo o nome deriva de moquém, assado envolto em folha e feito sobre a brasa.

atividade. O objetivo é evitar que as espécies de peixe daquele habitat não venham a ser extintas.

Nesse período de recomposição, os mais velhos da aldeia monitoram se aquele igarapé esta se procriando novamente ou não. Quanto mais tempo demora a procriação, mais tempo vão passar sem bater timbó no lugar, e assim, no ano seguinte vão em busca de um outro lugar enquanto o primeiro se regenera. Assim, garante-se que essa pratica cultural alimentar seja praticada também pelas presentes e futuras gerações do Povo Tenharin.

4. Pira- Peixes

Os territórios Kagwahiva são cortados por belos rios, lagos, lindas praias e exuberantes cachoeiras, fartos em espécies de peixes conforme cada rio. Os povos indígenas Kagwahiva tem, além da caça, também os peixes como base alimentar. Cada povo, conforme sua cultura usa como modelo de pescaria os anzóis, os arcos e flechas (*yywa e wyrapara*) e armadilhas como o nome usados pelos mesmo de (*Jikiywa*), além do timbó já descrito acima. Suas pescarias são quase diárias, pois tais povos gostam muito de peixe fresco assado na hora.

No caso da pesca, também há uma preocupação com a preservação e, assim, não há o uso de malhadeiras em rios e lagos de seus território. Os Kagwahiva pescam somente para o consumo e, de vez em quando, sobem ou baixam o rio para irem com todas as suas famílias com o objetivo de mostrar para os filhos até onde vai seu limite territorial. Ao mesmo tempo, em tais viagens, ensinam os mais novos a pescar e, na época da desova dos peixes, os Kagwahiva só matam peixes machos.

Esse reconhecimento da diferença entre peixe fêmea e macho é passado de geração em geração e, ao mesmo tempo, aproveitam para fazer a vigilância do seu território. Assim como deixam reservas de caça na floresta, os Kagwahiva também deixam lugares de reservas de peixe que também só é usado em épocas de festas onde esses lugares são liberados para serem pescados, o peixe dos lugares reserva serve como garantia alimenta para todo o povo e convidados durante o período das festas. Esses lugares também só são liberados uma vez ao ano, para assim evitar a extinção e a escassez de peixe como garantia para as futuras gerações.

5. Koho`A - As roças

Os povos indígenas Kagwahiva cultivam vários tipos de plantas que fazem parte do seu cardápio alimentar no dia a dia, tais como mandioca, macaxeira, cará, batatas, milho, bananas, mamão, cana, pimenta, pipocas. Cada família tem a sua roça, seu castanhal, para garantir a segurança alimentar de seu grupo. Eles cultivam também plantas medicinais e plantas para artigos artesanais.

Os Kagwahiva usam a roça duas vezes, a primeira quando plantam a primeira safra e conforme vão colhendo vão fazendo replantio. Após a colheita da segunda safra eles abandonam aquele roçado para que ele se regenere novamente e fique um solo saudável. Nesse caso, o local só pode ser roçado novamente a partir de sete anos em diante, pois esse período o solo estará fértil novamente. Durante esse período, nos outros lugares, são feitos roçados para fazerem seus plantios que são feitos conforme a necessidades de consumo e sem visão capitalista de produzir em grande escala, pois isso pode colocar em o risco o aumento do desmatamento em seu território.

Uma vez que sua produção só é para o consumo, há também as roças comunitárias que são liberadas para as suas festas, que serve para atender o povo e os convidados. Todo esse processo está ligado a conhecimentos milenares de que se usarem apenas o necessário da floresta. Até os frutos da floresta, quando eles querem comer, sobem em cima do pé e cortam apenas o galho que tem mais frutos para não derrubar a árvore e, assim, nunca ficarão escassos os produtos. Eles sabem que as presentes e futuras gerações precisarão também delas para viver bem, com qualidade de vida conforme seus costumes tradicionais.

6. Are kagwira´nimbo´yva - Reservas alimentares

Como vimos ao longo do texto, a visão do modelo de gestão indígena dos recursos naturais renováveis e não renováveis, praticada pelos Kagwahiva foca a questão ambiental para que não se chegue ao ponto de cessar. Existe um modelo de uso para que não acabem os recursos naturais desde que possamos entender e enxergar a floresta como um todo com o olhar ecológico de que, se soubermos usar adequadamente os recursos naturais renováveis será possível que ele se regenere novamente, desde que usemos de modo consciente.

Os Kagwahiva já tinham essa consciência ecológica desde sempre, pois isto é passado de pai pra filho até os dias de hoje, por isso que os povos indígenas se identificam com a floresta como parte dela e ela como parte deles, pois estão interligados uns nos outros, eles precisam da floresta pra viver e a floresta deles pra continuar existindo. Por isso, eles mantinham e mantêm reservas alimentares das espécies aquáticas, preservando os lagos e pedras dos rios onde os peixes buscam conforme suas características e especificidades próprias de desova, que eles chamam de *Npirá Kwara* ou *Npirá Jayrokawa*. Conforme vimos, tais lugares só são liberados para pescar uma vez ao ano só para festa tradicional. Assim como eles deixavam e deixam reservas de procriação dos peixes nos rios, também deixavam reservas animais e aves onde também eles só caçavam uma vez ao ano, só para a festa tradicional.

Os locais de procriação de animais são chamados de *Mbiráygwowu* ou *Mbiará óga*, e são bem estratégicos, como lagoas, rios e igarapés bem longe de suas aldeias. Esses locais ficam no centros dos seus territórios onde os animais buscam beber água e ir atrás de alimentos, um verdadeiro berço de acasalamento e procriação e pura ligação da cadeia alimentar para todas as espécies do maior ao menor e bem distante para não interromper o modo de reprodução dos animais e de vida da aquele habitat.

Do mesmo modo, usam esse modelo de reserva para árvores frutíferas, pois se eles sobem nelas, é apenas para cortar o galho que tem maior número de frutos e assim não derrubam a árvore. Dessa forma nunca ficará escasso por que no ano seguinte eles vão colher o mesmo fruto da mesma árvore sem que ela morra. Nesse processo de cortar apenas os galhos, outros nascerão novamente e continuarão produzindo, mantendo a árvore viva para as gerações futuras.

7. Aproveitamento dos alimentos Kagwahiva

Os povos indígenas Kagwahiva, como todos os povos indígenas, tem o aproveitamento de 95 % dos seus alimentos desde os animais terrestres, aves e peixes. Podemos citar como exemplo:

Terrestre: Porco Queixada é consumido a carne, cabeça, pele, pés, orelhas e vísceras e os ossos serve para fazerem adornos, o dente é usado como medicamento antibiótico.

Aves: Araras é consumido a carne, vísceras (fígado, moela e coração), pés e cabeça e suas penas e ossos são usados para fazerem artesanatos.

Peixes: Surubim é consumido todo o peixe (exceto fel e tripas do reto anal).

E assim são feitos os aproveitamentos dos alimentos dos animais pelos Kagwahiva e as sobras de comidas são colocadas nos troncos das plantas servindo de adubo fazendo com que as frutíferas deem muitos frutos que posteriormente também servirão de alimento para eles e para os seus filhos.

Segundo Francisca Yaka arara, nós povos indígenas não se alimentamos só com um tipo de carne, frango ou boi, nós comemos veado, cutia e o nambu que se alimenta de frutos da floresta, e que esses nutrientes são passados do fruto para o animal e do animal para nós. No supermercado você vai encontra variedade de carnes como filé e a costela só que é a mesma carne do boi. Nós não. Hoje comemos o veado e amanhã comemos o nambu e outro dia comemos o peixe, bebemos o caldo de tucunaré, não é só um tipo de alimentação, por isso que nós povos indígenas somos bem resistentes.

8. Considerações Finais

Por fim, tentamos realizar uma abordagem reflexiva e descritiva conforme os conhecimentos teóricos e práticos vivenciados por estes povos que possuem um conhecimento profundo sobre o ambiente e como viver o bem viver em seus territórios. Esse conhecimento está articulado em rede, em todos os aspectos naturais e cosmológicos e, principalmente, em fazer a gestão territorial e o uso de maneira manejada das espécies e produtos naturais dos seus territórios.

Assim, podem usufruir apenas do que a natureza oferece, fazendo dela a sua principal fonte de subsistência. Nessa perspectiva, o trabalho de campo nos possibilitou entendermos como os povos indígenas Kagwahiva vivem de maneira harmônica com a natureza.

Nesse sentido, o objetivo foi também evidenciar os conhecimentos milenares dos Kagwahiva e ao mesmo tempo, desnudar a relação dos povos indígenas com o meio ambiente em fazerem gestão dos seus territórios com visão renovável e controlada.

Tem como referência a vivência dos povos indígenas Kagwahiva, do tronco linguístico tupi, que habitam o sul do Amazonas. Esses povos, até os dias de hoje ainda usam fortemente os seus conhecimentos ancestrais milenares para fazer a gestão dos seus territórios, e esses conhecimentos são passados de pai pra filho.

Esses povos entendem que a única herança que eles podem deixar para as presentes e futuras gerações é o seu território para que haja a continuação de suas práticas culturais e que o seu povo não venha a ser dizimado. Os Kagwahiva dependem da floresta para viver e manter a sua cultura, língua, hábito alimentar, crenças, mitos, ritos, lendas e cosmovisão de Mundo.

Enfim, os dados relatados neste ensaio, podem servir para que todas as sociedades do presente e futuras gerações conheçam como os Kagwahiva enxergam a floresta e os recursos naturais. Esperamos que a sociedade do entorno comece a ver a floresta com o mesmo olhar dos povos indígenas. Os indígenas se veem como parte direta da floresta e se todos começarem realmente a se sensibilizar com a questão ambiental e passarem a ter a mesma consciência que os povos indígenas têm de usar os recursos naturais de maneira mais responsável, podemos mudar a realidade que estamos vivendo hoje a floresta em pé tem mais valor que floresta derrubada.

No entanto, se continuarmos usando a natureza da forma abusiva e incontrolável, sem a visão ecológica de que tudo na floresta pode ser renovável, tudo isso que este livro relata ficará apenas em registros históricos de como a floresta era no passado, e como os indígenas faziam a gestão dos seus territórios para conservá-los, estaremos tirando o direito das futuras gerações de conhecerem como é uma floresta e rios ricos em biodiversidade.

9. Referencias

ARAUJO, Jordeanes do N. *O fenômeno da liderança Tupi Kagwahiva: Trajetórias sociais, Resistências e Movimento indígena no sul do Amazonas*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Universidade Estadual Paulista-UNESP, 2019.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Ubu editora, 2018.

MENENDEZ, Miguel. *Uma Contribuição a Etno-História da Área Tapajós-Madeira*. (Tese de Mestrado). FFLCH-USP, 1981.

_____. *Uma Contribuição para o Estudo dos Tupi Centrais*. (Tese de Doutorado). FFLCH-USP, 1989.

PEGGION, Edmundo. *Branços e Índios no Rio Madeira: 1850-1950. Contato e Identidade Étnica*. Monografia de Bacharelado em Ciências Sociais. Universidade Estadual Paulista/Campus Araraquara. São Paulo, 1992.

_____. *Relatório de identificação e delimitação da Terra Indígena Jiahui no município de Humaitá-AM*. Fundação Nacional do Índio /FUNAI, 1999/2000.

_____. *Relações em perpétuo desequilíbrio: A organização dualista dos povos Kagwahiva da Amazônia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia (tese de doutorado), 2005.

_____. *Relações em perpétuo desequilíbrio: A organização dualista dos povos Kagwahiva da Amazônia*. São Paulo: Annablume, 2011.

_____. *O reverso da etnografia: as possibilidades da escrita indígena*. R@u-Revista de Antropologia da UFSCAR. V2, julh-dez. 2017:47-61.

Recebido: 30/10/2021.

Aceito: 30/12/2021.

Autores:

Angelisson Pyri Tenharin

Tecnólogo em Gestão Ambiental. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, da Universidade Federal do Amazonas. Liderança indígena do Povo Tenharin. Email: angelissontenharin@gmail.com

Jordeanes do N. Araújo

Doutor em Ciências Sociais pela UNESP. Professor de Antropologia no Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas. Campus Vale do Madeira. Email: jordeanes@ufam.edu.br

Edmundo A. Peggion

Doutor em Antropologia social. Professor da Universidade Estadual de São Paulo/UNESP Campus Araraquara/SP. Email: edmundo.peggion@unesp.br